

A INFLUÊNCIA DA INTELIGÊNCIA EMOCIONAL NO TRABALHO DOCENTE

*Rosana Maria Luvezute Kripka
Universidade de Passo Fundo (UPF)
rkripka@upf.br*

Resumo: Neste artigo são apresentados alguns resultados teóricos obtidos pela pesquisa realizada na elaboração do trabalho de conclusão da aluna Daniela de Oliveira Silva, no qual se buscou compreender a influência da inteligência emocional (IE) no processo de ensino e aprendizagem, procurando elucidar como esta se relaciona com o trabalho docente, devido à importância da afetividade envolvida neste processo. Tendo em vista que a presença da inteligência emocional implica em uma revisão da relação do homem consigo mesmo, com os outros e com o mundo, seu desenvolvimento certamente influencia na formação de um novo modelo de profissional, atualmente exigido pelo mercado de trabalho, que seja competente, íntegro e humano. As bibliografias consultadas indicam que a inteligência emocional pode ser desenvolvida através do estímulo de habilidades diversas. O estudo realizado possibilitou verificar a importância do desenvolvimento da inteligência emocional no trabalho docente e como estas capacidades, na administração das emoções, podem ser decisivas para a formação de um profissional realizado e competente.

Palavras-chave: Inteligências múltiplas; inteligência emocional; processo de ensino e aprendizagem.

1. Introdução

A partir dos anos 80, foi elaborada a teoria das inteligências múltiplas, por pesquisadores da universidade norte-americana de Harvard, liderados pelo psicólogo Howard Gardner, professor de educação dessa mesma universidade (CAMPOS, 2009). Os estudos de Gardner (1983) indicaram a existência de novos conceitos sobre inteligência. Em sua nova teoria, chamada de “Teoria das Inteligências Múltiplas”, contrariamente ao que se acreditava na época, ou seja, que a única inteligência existente no indivíduo poderia ser medida apenas através de testes de QI (Quociente de Inteligência), o autor propôs que o conceito de inteligência não poderia ser tão limitado, mas que cada indivíduo, possui diferentes inteligências, umas mais desenvolvidas do que outras, e que cada pessoa possui o potencial necessário para desenvolvê-las. No início propôs a existência de sete inteligências e posteriormente acrescentou uma oitava e, ainda, discutiu a possibilidade de existência de uma nona (GARDNER, 1999).

Foelker (2009) afirma que diversos estudos foram realizados, baseadas nos critérios estabelecidos por Gardner para se identificarem novas inteligências.

Goleman (2001) definiu uma nova inteligência denominada por *inteligência emocional*, que está relacionada à capacidade de interação do indivíduo com o mundo, considerando os próprios sentimentos e a habilidade ao compreender emoções próprias e alheias, fazendo uso delas na nossa vivência social, familiar e profissional.

O estudo desta inteligência revela como a emoção pode influenciar a vida das pessoas no sentido de contribuir ou não para o sucesso pessoal e profissional.

A Inteligência Emocional é um termo utilizado em psicologia para designar a inteligência que envolve habilidades para manipular as emoções, onde o uso inteligente das emoções pode torná-las coadjuvantes no processo de crescimento interno (WEISINGER, 2001, p.14). As emoções descontroladas e, geralmente, maléficas, podem ser analisadas, controladas e direcionadas para o desenvolvimento de pessoas e grupos. Os estudos indicam que é possível educar as emoções, com a finalidade de tornar-se apto a lidar com as frustrações, negociar com outros, e reconhecer as próprias angústias e medos.

No ambiente profissional, líderes são pessoas que possuem capacidade de trabalhar em equipe, que buscam interação entre os pares e geralmente são indivíduos que dão importância tanto à administração do conhecimento como à administração das emoções. Uma pessoa com elevada inteligência emocional desenvolvida prova ser capaz de dominar suas emoções com inteligência, utilizando esse fluxo emotivo para melhorar seus relacionamentos afetivos, sociais e profissionais (BRADBERRY, 2007, p.47).

Assim, pessoas além de possuírem o conhecimento técnico adquirido muitas vezes em livros, também devem conseguir administrar sentimentos, sendo que para isso é preciso se autoconhecer, conseguir controlar suas emoções e também é preciso saber se colocar no lugar do outro. As emoções demonstram informações valiosas sobre a própria pessoa, sobre outras pessoas e sobre diversas situações e utilizando destas informações que as emoções fornecem, é possível provocar alterações de comportamento e de raciocínio, possibilitando, desta forma, reverter situações constrangedoras.

As emoções desempenham um papel importante no local de trabalho, pois, todos os dias, se convive com as próprias emoções e com emoções das demais pessoas com quem se relaciona, onde é possível se utilizar desse fluxo emocional de maneira inteligente fazendo com que estes sentimentos trabalhem em benefício próprio, sendo utilizado para orientação do comportamento e do raciocínio da melhor forma possível.

Neste sentido, como a vida é construída e mantida por uma teia complexa de relações, em todos os seus aspectos, ao se pensar nos profissionais que atuam na área da educação, que precisam administrar, diariamente, além da sua vida e suas emoções, a vida e emoções de muitas outras pessoas, como poderia então, o professor em sala de aula, tirar proveito de suas próprias emoções?

O professor, muitas vezes desconhece os conceitos dos diversos tipos de inteligências existentes, limitando-se a estratégias e propostas educacionais voltadas especificamente para o estímulo das inteligências verbal e lógico-matemática, deixando de lado, especialmente o estímulo da inteligência emocional, prejudicando-se e prejudicando também o desenvolvimento integral do aluno.

Uma pessoa com controle de sua capacidade emocional é capaz de proporcionar o desenvolvimento pleno de si mesmo, das pessoas e grupos com os quais se relaciona. Por isso, é de fundamental importância que o professor primeiramente desenvolva sua própria inteligência emocional, pois sabendo educar suas próprias emoções, também pode fazer com que os alunos se tornem aptos a lidar com suas frustrações, reconhecendo suas angústias e medos, revertendo-as e cultivando os frutos positivos de sua habilidade de domínio emocional.

2. Inteligências Múltiplas e Inteligência Emocional

Gardner identificou, inicialmente, a existência das sete inteligências, que seriam: a inteligência linguística ou verbal, a lógico-matemática, a espacial, a musical, a cinestésica corporal, as inteligências pessoais (intrapessoal e interpessoal), afirmando que a maioria das pessoas possui todas elas, porém cada um demonstra características diferentes e combina todas as inteligências de maneira extremamente pessoal (1995, P.18). Posteriormente, em suas pesquisas, identificou a existência de uma oitava inteligência: a naturalista.

Com o passar dos anos, também foram sugeridas, por outros pesquisadores, a existência de novas inteligências, tais como as inteligências existencial, emocional, espiritual e artificial (ARMSTRONG, 2001; FOELKER, 2009). Dentre as teorias mais recentes, destacam-se as pesquisas de Daniel Goleman (2001), que reunindo as inteligências pessoais, intrapessoal e interpessoal, definiu uma nova inteligência denominada por *inteligência emocional*. Considera a inteligência emocional como a ação

conjunta das inteligências inter e intrapessoal e afirma que o controle das emoções é um fator essencial para o desenvolvimento do indivíduo. (GOLEMAN, 2001, p.19).

Goleman, amparando-se em vários estudos anteriores sobre a emoção humana, e apoiada pela estrutura teórica da Teoria das Inteligências Múltiplas, redefine o que é ser inteligente, declarando que todas as pessoas podem ter duas mentes: uma racional e outra emocional e, segundo ele, as duas trabalham juntas, em total sintonia, sendo que nenhum estudo sobre inteligência atual poderia deixar de considerar a emoção como propulsora do pensamento (2001, p.23).

Assim, o autor afirma que Inteligência emocional é a capacidade que o indivíduo possui de perceber, entender e influenciar as emoções. Ela envolve tudo o que se relaciona com a capacidade de perceber e exprimir a emoção compreendê-la e saber controlá-la em si mesmo e nas outras pessoas. (2001, p.24).

Goleman salienta que a emoção humana, sempre foi considerada prejudicial à razão e vista como um símbolo de imaturidade. Uma pessoa responsável seria uma pessoa com total controle sobre suas emoções, mas um controle que poderia sufocar suas emoções, não permitindo que elas se manifestem em “ocasiões impróprias”.

Para Goleman (2001), a inteligência emocional, pode ser estudada e educada tanto quanto a racional, possuindo as seguintes características: Capacidade de criar motivações para si mesmo; Capacidade de persistir num objeto apesar dos obstáculos; Capacidade de controlar os impulsos; Capacidade de aguardar a satisfação dos seus desejos; Capacidade de manter-se em bom estado de espírito; Capacidade de impedir que a ansiedade interfira no raciocínio; Capacidade de ser empático e Capacidade de ser autoconfiante.

Além disso, outra característica importante da emoção, indicada pelas pesquisas de Goleman, seria a relação que ele chama de “mente emocional aos símbolos”. Ele afirma que a mente emocional funciona por uma lógica associativa: “elementos que simbolizam uma realidade ou que de alguma forma lembrem esta realidade são, para a mente emocional, a própria realidade” (GOLEMAN, 2001, p.308). Isto explicaria por que as imagens e os símbolos tem direta comunicação com a mente emocional (romances, filmes, teatro, etc.). Tais símbolos não fazem sentido para a razão, mas falam diretamente ao coração.

Assim, a inteligência emocional é uma capacidade que diverge da inteligência racional, ela é construída através da forma com que vivenciamos nossas emoções.

Deste modo, a educação moderna precisa considerar conceitos diferentes dos convencionais, buscando desenvolver as habilidades para manter a qualidade de relacionamento humano evitando conflitos e garantindo êxito no trabalho.

3. Inteligência Emocional e Aprendizagem

Para Goleman (2001, p.92), a motivação é vista como uma “aptidão mestra” que provoca o conhecimento e o saber lidar com suas próprias emoções.

O autor concluiu nos seus estudos, que as perturbações emocionais podem interferir na vida mental. Isto em parte explica um possível motivo para que os alunos ansiosos, mal humorados, ou deprimidos não consigam aprender como os demais.

Emoções negativas muito fortes acabam desviando a atenção para as próprias preocupações, o que interfere na concentração em assuntos específicos. Pessoas deprimidas trazem pensamentos de autopiedade e desespero, desesperança e desamparo, que se sobressaem a qualquer outro pensamento. Quando as emoções abatem a concentração, prejudicam a “memória funcional” - capacidade de ter em mente toda informação relevante para a execução de uma determinada tarefa (GOLEMAN, 2001, p.92).

Por outro lado, a motivação positiva – reuniões de sentimentos de entusiasmo fazem fluir melhor os pensamentos e a mente funciona em sua plenitude.

Outra característica importante da motivação é o controle da impulsividade, que consiste na capacidade de controlar um impulso para conseguir um objetivo menos imediato.

O controle da ansiedade também aparece nestes estudos como uma competência emocional decisiva para aprendizagem. A ansiedade gera a preocupação, e o ensaio mental do desastre, provoca uma estática cognitiva, que acaba se intrometendo em todas as outras tentativas de se fixar em alguma coisa.

Também existe a ansiedade antecipatória, característica das pessoas capazes de canalizar suas emoções, motivando-as a se prepararem bem para as tarefas.

Além disso, a capacidade de entrar em fluxo, onde o fluxo é considerado uma sensação de alegria espontânea, êxtase, atenção exclusiva à tarefa, onde ocorre perda da noção de tempo e de espaço, é uma competência atribuída à inteligência emocional de suma importância para a aprendizagem. Segundo Goleman (2001, p.104), o estado de fluxo

é obtido a partir de uma concentração inicial, que exige disciplina, domínio da tarefa e de sua complexidade.

Um fato importante, que não pode deixar de ser mencionado, sobre a teoria da inteligência emocional é que todas essas competências atribuídas a esta área da mente humana, podem ser aprendidas e desenvolvidas em todas as pessoas, ao contrário do que se pensava sobre as emoções, atribuindo-lhe um caráter imutável e instintivo a ser controlado e sufocado para assegurar a convivência humana (GOLEMAN, 2001). Assim, o controle inteligente das emoções pode tanto ser aprendido como ensinado.

Goleman sugere o estudo da “Ciência do Eu”, que aborda temas como os sentimentos próprios e sentimentos que brotam nos relacionamentos humanos (2001, p.275). Por sua própria natureza, o tema exige que professores e alunos se concentrem no tecido emocional da vida da criança. Como estratégia, Goleman sugere que se faça uso das tensões e traumas da vida cotidianas das crianças, tratando na sala de aula problemas reais, pois para ele o aprendizado não pode ocorrer de forma isolada dos sentimentos das crianças. É necessário que se faça uma alfabetização emocional. Ser emocionalmente alfabetizado é tão importante na aprendizagem, quanto o ensino da matemática e da leitura.

Sendo a “Ciência do Eu” pioneira nessa ideia, disseminada nos Estados Unidos, desde o início dos anos noventa e que têm se tornado conhecida também em outros países, Goleman recomenda que em seu desenvolvimento as escolas ofereçam disciplinas como “desenvolvimento emocional”, “aptidões para a vida” e “aprendizado social e emocional”.

Neste contexto, a alfabetização emocional introduzida nos currículos normais, seria um novo caminho para se trabalhar as emoções e a vida social no contexto escolar,. As crianças poderiam aprender que a questão não consiste apenas em evitar possíveis conflitos, mas resolver discordâncias e ressentimentos, antes que se tornem situações conflitantes mais sérias.

Segundo Goleman (2001,p. 276) o currículo da “Ciência do Eu” destaca-se como modelo para o ensino da Inteligência Emocional. Entre os tópicos ensinados, está a autoconsciência, cujos objetivos são: reconhecer sentimentos, montar um vocabulário com o qual as crianças percebam as ligações entre pensamentos, sentimentos e reações; reconhecer quando são os pensamentos ou os sentimentos que governam uma decisão; avaliar as consequências de opções alternativas e aplicar essas intuições sobre questões como drogas, sexo etc.

A autoconsciência também se dá no reconhecimento de nossas forças e fraquezas, na possibilidade de se enxergar um caminho alternativo positivo, porém realista, evitando, com isso, uma armadilha comum do movimento de autoestima.

Outro aspecto importante é o controle das emoções, seria a busca por compreender o que está por trás de um sentimento (por exemplo, a mágoa que dispara a raiva) e aprender como lidar com ansiedades, ira e tristeza.

Além disso, também é necessário assumir a responsabilidade por decisões e atos, buscando cumprir compromissos.

Dessa forma, os relacionamentos são outro foco importante, onde é necessário aprender a ser um bom ouvinte e um bom questionador; distinguir entre o que alguém diz ou faz, controlar reações e julgamentos, buscar ser mais assertivo, não raivoso ou passivo e aprender as artes da cooperação, da solução de conflitos e da negociação de meios-termos (GOLEMAN, 2001, p.282).

Alfabetização Emocional implica um mandato ampliado para as escolas, atuando no lugar de famílias que falham na socialização das crianças. Essa arriscada tarefa exige duas grandes mudanças: que as escolas incluam em seu currículo o ensino das emoções, onde o professor vá além de sua missão tradicional de ensinar a ler e a escrever e que as famílias e pessoas da comunidade se envolvam mais com as escolas.

4. A Afetividade no Processo Ensino-Aprendizagem

Acredita-se que a afetividade desempenha um importante papel no sucesso escolar dos alunos e, conseqüentemente, na aprendizagem de qualquer disciplina, inclusive na matemática. No entanto, a atuação dos professores, não está levando em conta esta questão, provavelmente por não saberem lidar com a afetividade na aprendizagem e, também, por não serem preparados pra isso durante a sua formação.

Uma importante questão no campo da educação é a inclusão das relações humanas na escola, pois sem que haja interação entre escola e aluno, não será possível criar boas condições de ensino e aprendizagem. As crianças que estão na escola, possuem diversos condicionamentos sociais, que unido a outros fatores, influenciam no tipo de sua aprendizagem e podendo provocar desequilíbrios emocionais, gerando na criança, desadaptação, incapacidade de comunicar-se, o que normalmente ocasionam problemas de

integração escolar. Com isso, os professores devem, sempre que possível, ajudar os alunos a superarem suas dificuldades no campo emocional.

A ajuda construtiva, em relação aos problemas enfrentados pelos alunos, exige que os professores possuam grande número de qualidades emocionais. As suas atitudes devem motivar os alunos de uma forma em que sintam prazer em estar nas aulas, e a aprenderem mais, aumentando desta forma, a autoconfiança e a autoestima dos alunos. É a postura do professor em sala de aula, que as influencia, pois, além de saber ensinar, deve antes de tudo também saber ser um bom educador. Isso significa que um bom professor deve ter todo um conjunto de qualidades, o que inclui conhecimento técnico e conhecimento emocional necessário. (NEVES E CARVALHO, 2006).

Assim no processo educativo, o papel do professor deve ser de natureza intelectual e também de natureza afetiva, buscando atender às diferentes dificuldades emocionais das crianças que chegam à escola. Os alunos devem ser estimulados a trabalhar em equipe, a cooperarem uns com os outros em tarefas e projetos comuns.

Neste sentido, o professor deve propiciar situações de ensino que estimulem a autoestima e a autoconfiança. Quando o processo de ensino se humanizar completamente, a escola poderá ser vista como uma comunidade de pessoas e não mais como um agregado de indivíduos (NEVES E CARVALHO, 2006).

Atualmente, após vários estudos nesta área, sabe-se que a aprendizagem fica mais fácil, quando a pessoa trabalha com satisfação e quando os seus esforços são recompensados. Isto significa que o bom desempenho escolar depende tanto de aspectos intelectuais como dos afetivos (NEVES E CARVALHO, 2006).

Quando se fala em emoção e aprendizagem, deve ser considerado o fato de que assim como existem emoções favoráveis às aprendizagens, existem outras totalmente desfavoráveis, tais como o medo, o pressentimento, a incerteza, a falta de autoconfiança e o aborrecimento, que acabam conduzindo a desistência e ao afastamento do aluno.

Como as emoções são contagiantes, o professor deve promover emoções favoráveis à aprendizagem, tais como: conforto, bom humor, sensações de prazer e divertimento, aceitação, ambição, mistério, curiosidade, entre outras. Os professores devem servir como modelo de equilíbrio emocional, gerando assim confiança nos alunos.

Ao realizar uma tarefa, o aluno se depara com diversas emoções, as quais são determinadas pelas próprias tarefas e, mais especificamente, pelo conteúdo e metodologias descritas pelo professor para a realização das mesmas. Para gerar a motivação nos alunos, é

necessário que se possa dar sentido ou utilidade ao tema proposto, para que o aluno se sinta motivado às situações de aprendizagem (NEVES E CARVALHO, 2006).

Partindo da concepção construtivista da aprendizagem, revela-se que a aprendizagem significativa é motivadora porque o aluno se sente gratificado ao executar as tarefas, tendo consciência de que tudo que lhe foi ensinado têm algum sentido e começa a perceber importância em seu aprendizado (NEVES E CARVALHO, 2006). Quando um aluno se sente motivado ao realizar uma tarefa, gera uma motivação intrínseca, de onde podem surgir emoções positivas agradáveis.

Dessa forma, pode-se concluir que as emoções têm fundamental influência na aprendizagem e, conseqüentemente, no rendimento do aluno, sendo, por isso, muito importante que o professor tenha um grande equilíbrio emocional em sala de aula, para conseguir trabalhar com este apoio emocional na aprendizagem.

5. Desenvolvendo a Inteligência Emocional

Para Goleman (2001,p.23), todas as pessoas possuem duas mentes uma racional e outra emocional, as quais compõe os tipos de conhecimento que interferem na construção da vida mental. Na sua concepção, a mente racional inclui o modo de compreensão, na qual o ser humano usa sua consciência, sendo capaz de refletir, ponderar e fazer ligações lógicas. Por outro lado, a mente emocional atua sem pensar, excluindo a reflexão definida e precisa que caracteriza a mente racional. A mente emocional reage ao presente, baseando-se em fatos registrados ao longo da vida do ser humano, ou seja, em situações que ficaram gravadas, que geram tendências inconscientes e automáticas.

No entanto, segundo o autor, existe um equilíbrio entre essas duas mentes, que trabalham em total harmonia, na maior parte do tempo, de forma que a emoção encaminha e informa as operações da mente racional, e a mente racional apura e, às vezes, impede a abertura das emoções. Por isso, que a inteligência emocional e a inteligência racional das pessoas, mais especificamente, dos professores, devem estar em constante equilíbrio, para que as atitudes em sala de aula possam ser tomadas de uma forma adequada e eficiente.

É necessário então, que os professores aprendam a desvendar os segredos da inteligência emocional, para que, seja possível despertar essas capacidades cerebrais adormecidas, ou até mesmo não exploradas, para desenvolver habilidades e competências essenciais no relacionamento interpessoal.

É importante destacar, que pessoas que possuem a inteligência emocional melhor desenvolvida, sentem-se satisfeitas e tendem a ser eficientes na sua vida pessoal e profissional (BRADBERRY, 2007, p. 28). Desta forma, segundo o mesmo autor, essas pessoas conseguem gerenciar emoções, promover a cooperação, tomar decisões adequadas, desenvolver o autoconhecimento e a empatia pessoal, bem como são autoconfiantes e persistentes em objetivos, conseguem controlar seus impulsos, mantendo um bom estado de espírito, não permitindo que a ansiedade interfira na capacidade de raciocinar.

Assim, o autor apresenta técnicas para se trabalhar a inteligência emocional no educador, que buscam desenvolver:

- As habilidades intrapessoais para saber administrar os próprios sentimentos, sonhos e ideias, com intuito de abrir mão deles para soluções de problemas pessoais, através do desenvolvimento de três itens considerados essenciais: a autoconsciência, controle das emoções e a motivação (WEISINGER, 2001, p.25).
- As habilidades interpessoais que estão relacionadas com a capacidade de se relacionar com o outro, entender reações e também criar empatia. É a capacidade de se comunicar verbal e não verbalmente. (WEISINGER, 2001, p.115).

Devido a todas as qualidades que o desenvolvimento emocional proporciona às pessoas, não restam dúvidas, que é extremamente importante que a inteligência emocional seja desenvolvida no trabalho docente, pois os professores são a base na vida das crianças e adolescentes, atuando em constante contato com diversas pessoas, inclusive com as famílias de seus alunos.

6. Considerações Finais

A ampliação dos conhecimentos sobre a formação da inteligência humana possibilita desvendar os mistérios da inteligência, proporcionando ao ser humano uma melhor qualidade de vida.

Sabe-se que todas as pessoas já nascem com um potencial de inteligência, que se desenvolve conforme as influências e os estímulos recebidos no meio em que vive.

Numa época em que se fala em competências e informatização, este novo conceito de inteligência emocional, baseado nas habilidades interpessoais, ligadas ao relacionamento entre as pessoas, como a empatia, liderança, otimismo ou ainda, e na

habilidade intrapessoal relacionada a competência efetiva, são de fundamental importância para se conseguir a excelência no trabalho.

Com pesquisa realizada pode se constatar que tanto a emoção, a motivação, como a questão da afetividade, relacionadas a inteligência emocional, interferem diretamente no processo de ensino-aprendizagem, gerando consequências importantes para a eficiência do trabalho docente.

Percebe-se que professores e alunos que aprendem a desenvolver suas inteligências emocionais começam a elaborar melhor suas ideias e definem uma personalidade própria, tendo mais probabilidade de obter sucesso na vida.

Acredita-se que os docentes, ao estimularem e desenvolverem suas próprias inteligências emocionais e de seus pares, sejam capazes de administrar suas emoções, tanto no âmbito profissional, como no pessoal. Desta forma, ao conseguirem melhorar seus relacionamentos pessoais tanto com colegas de trabalho, como com seus próprios alunos, poderão superar dificuldades de relacionamentos encontradas na docência, o que possibilitará o aprimoramento de seus desempenhos em sala de aula.

7. Referências

ARMSTRONG, Thomas. *Inteligências múltiplas na sala de aula*: prefácio Howard Gardner. 2. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

BRADBERRY, Travis. *Desenvolva a sua inteligência emocional*: tudo o que você precisa saber para aumentar o seu Q.E. Rio de Janeiro: sextante, 2007.

CAMPOS, Cecília. *Ensinar com amor*: Inteligências múltiplas. 2009. Disponível em <<http://estrela-ensinarcomamor.blogspot.com/2009/11/inteligencias-multiplas.html>>. Acesso em 25 de Setembro de 2013.

FOELKER, Rita. *Inteligências múltiplas*. Edições Gil. Espaço do Educador. 2009. Disponível em: <<http://www.edicoesgil.com.br/educador/multiplas.html>>. Acesso em 25 de novembro de 2013.

GARDNER, Howard. *Estruturas da Mente*: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes médicas sul, 1994.

GARDNER, Howard. *Inteligências múltiplas*: a teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência Emocional*: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Tradução de Ana Schuquer. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

NEVES, M. C.; CARVALHO, C. A importância da afetividade na aprendizagem da matemática em contexto escolar: um estudo de caso com alunos do 8º ano. *Análise Psicológica*, Lisboa, v. 24, n. 2, p. 201-215, 2006.

WEISINGER, Hendrie D. *Inteligência Emocional no trabalho*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.